

CIBERESPEAÇO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: DESAFIOS DA CONSCIENTIZAÇÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

GERALDO, A.C.O.; DIONIZIO, E.R.; LIMA, F.A.F.; ROSA, L.V.; BUENO, T.¹

ZANCOPE, B. C.²

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de promover, na comunidade local da Faculdade de Apucarana (FAP), uma maior conscientização a respeito das diferentes formas de violência praticadas contra as mulheres, abrangendo a violência física, emocional, moral e psicológica principalmente. O enfoque foi direcionado ao contexto cibernético, tais como *revenge porn* e compartilhamento de dados pessoais sem a autorização da mulher, uma vez que se fez necessário em virtude da demanda local verificada no cotidiano dos estudantes. Pretendeu-se focar no público-alvo de gênero feminino e para a elaboração deste, utilizou-se a revisão bibliográfica como base do tema escolhido.

Palavras-chave: Violência. Mulheres. Cyberbullying.

ABSTRACT

This study aimed to raise awareness within the local community of the Apucarana College (FAP) regarding the various forms of violence against women, primarily physical, emotional, moral, and psychological. The focus was on cyber-related issues, such as revenge porn and the sharing of personal data without the woman's permission, as this was necessary due to local demand observed in the daily lives of students. The study focused on the female target audience, and a literature review was used as the basis for the chosen topic.

Keywords: Violence. Woman. Cyberbullying.

¹ Andressa Carolina de Oliveira Geraldo, Emanueli Ribeiro Dionizio, Felipe Antonio Fontalva de Lima, Letícia Viana Rosa e Thiago Bueno. Acadêmicos do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: psico.emanueli.dionizio@hotmail.com

² Bruna Carolina Zancopé. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: bruna.zancope@fap.com.br

INTRODUÇÃO

O uso crescente das redes sociais transformou a comunicação atual aprimorando relações virtuais, mas também ampliou formas de violência, principalmente contra grupos específicos como das mulheres, difundindo aspectos negativos como difamação, sexualização e exposição não autorizada. Neste estudo será analisada a violência sofrida por estudantes do gênero feminino da Faculdade de Apucarana em plataformas digitais, observando comentários misóginos que impactam seu bem-estar emocional e desempenho acadêmico. Torna-se assim relevante a problematização da violência contra as mulheres nas redes sociais universitárias, a fim de promover conscientização social para esse fenômeno.

Objetiva-se promover a reflexão crítica sobre a relação entre gênero e saúde mental da mulher visando discutir a influência dos fatores culturais, sociais e históricos no sofrimento psíquico feminino, principalmente dentro do âmbito de violência cibernética. Dessa forma, para maior compreensão, afunilaram-se os objetivos em sensibilizar sobre violência em redes sociais, como Instagram e, também, sensibilizar a temática da “*revenge porn*” assim como dentro da temática da violência física.

Este trabalho se trata de uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva, voltada à análise da violência contra mulheres estudantes da Faculdade de Apucarana por meio da escuta, reflexão crítica e fortalecimento de vínculos coletivos. A pesquisa-intervenção será adotada como abordagem metodológica, por permitir articular a investigação científica com ações transformadoras junto ao público participante, visando a conscientização social.

A intervenção será realizada com um grupo de mulheres, estudantes universitárias da FAP, que se identifiquem com os temas abordados, como violência de gênero, sobrecarga emocional, autoestima e saúde mental. A seleção das participantes será feita de forma voluntária, por meio de convite e divulgação prévia junto à instituição parceira, com a quantidade máxima de participantes limitada ao número de 15 mulheres totais e não havendo um número mínimo de participantes.

A ação será composta por um único encontro, com duração aproximada de uma hora realizado em local acessível e seguro. Sendo estruturado em pilares como a escuta ativa, roda de conversa e encerramento.

A pesquisa seguirá os princípios éticos da escuta qualificada e do respeito à confidencialidade das informações compartilhadas. Nenhuma mulher será identificada nominalmente no trabalho final, garantindo o sigilo das falas e a proteção das participantes. A intervenção será conduzida com base na ética profissional, prezando pela criação de um espaço seguro, acolhedor e livre de julgamentos.

METODOLOGIA

A demanda da violência contra a mulher em âmbito cibernético se inicia a partir da construção da tecnologia. Esse ponto de partida traz fatores que são de extrema importância, mas uma em específica é relevante para a temática trabalhada, denomina como “multicomunicação”, na qual interações sociais são realizadas mesmo que haja milhares de quilômetros que separem fisicamente a comunicação real dos indivíduos (Silva; Silva; Farias, 2024).

Embora existam diversos pontos positivos decorrentes da interação mundial, não se pode ignorar os aspectos negativos que são visíveis no processo, como a falta de regulação eficiente e o anonimato, os quais favorecem a ampliação da violência que circula na internet como as agressões e estereótipos de gênero feminino (Martins, 2025). Diante dessa visão crítica do uso das redes sociais, buscou gerar esse debate com relação as vivências dentro da Faculdade de Apucarana, uma vez que é da ciência da classe estudantil como um todo, canais usados dentro das redes sociais, como o Instagram, que disseminam informações de cunho pessoal dos envolvidos em forma de retaliação e com comunicação violenta, onde o anonimato daqueles que o compartilham e produzem são reservados, mas que em contrapartida as mulheres que são vítimas são expostas diante de uma comunidade inteira.

Para averiguar o interesse sobre este fenômeno realizou-se a exposição em diversas salas e corredores de todas as áreas da faculdade de Qr Codes dispostos em fundos visuais chamativos, justamente para gerar curiosidade nos observadores. O QrCode obteve em média 48 acessos, entretanto apenas 09 pessoas se inscreveram para ação e na data de execução apenas 02 inscritos compareceram, o que leva a hipótese de que a “fofoca” e curiosidade tiveram um impacto maior do que o interesse em discutir o tema.

¹ Andressa Carolina de Oliveira Geraldo, Emanueli Ribeiro Dionizio, Felipe Antonio Fontalva de Lima, Letícia Viana Rosa e Thiago Bueno. Acadêmicos do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: psico.emanueli.dionizio@hotmail.com

² Bruna Carolina Zancopé. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: bruna.zancope@fap.com.br

Mesmo com o número menor de participantes foi realizado o encontro planejado contando com os cinco estudantes que aplicariam a intervenção, duas participantes, uma orientadora e a professora para auxílio do tema. Conforme houve a apresentação do conteúdo preparado, slides e vídeo para maior visualização, os participantes foram compartilhando histórias que em território brasileiro são recorrentes. A autora Martins (2025) apresentou em sua dissertação de Mestrado através do Relatório Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), na edição de 2023, que o número de homicídios na população demonstrou uma queda, mas na contramão houve um aumento de 0,3% entre 2020 até 2021 da taxa de homicídios ao gênero feminino.

Completando esses dados, o Instituto Maria da Penha (IMP) apresenta em seu site oficial um ciclo da violência que pode ser notado cotidianamente nas vivências das mulheres em seus relacionamentos. A comprovação se dá pela quantidade de relatos que foram compartilhados na roda de conversa dessa intervenção e um dos relatos exemplifica isso: uma moça que frequentemente se encontrava com umas das participantes da roda costumava aparecer com seus braços marcados por diversos hematomas roxos, causado pelo companheiro, mostrando como o ciclo de violência teve seu ápice na brutalidade de suas agressões. Não somente uma única vez foi vista dessa forma, mas algumas, mesmo que sua colega tentasse de alguma forma interferir. O ciclo desse caso relatado infelizmente não foi quebrado, assim como diversas brasileiras na mesma situação.

Outra forma de violência atual que veio com os meios cibernéticos são os chamados pornografia de vingança. A autora Leite (2024) afirma:

Os danos causados pela prática da pornografia de vingança são potencializados pela velocidade de compartilhamento do conteúdo, e principalmente pela construção social da sexualidade feminina e do papel do homem e da mulher na sociedade. Apesar de poder ser praticada contra qualquer pessoa, independente do gênero, será demonstrado que a prática é cometida principalmente contra as mulheres. (Leite, 2024)

Esse aspecto moderno de violência foi debatido no encontro que se realizou e pode ser afirmado que 100% dos participantes da mesa relataram algum caso

vivenciado a observação do compartilhamento de imagens íntimas de mulheres sem a autorização dessas. Os pontos mais discutidos em grupo foram a falta de atuação da legislação contra essas práticas, falta de conscientização dos envolvidos – sendo eles principalmente apontados como homens e jovens – e também o anonimato juntamente com a distância que esses dados podem ser lançados, uma vez que a partir do ponto onde se há um compartilhamento por redes sociais como o WhatsApp, se perde o controle da proporção onde pode ser finalizado.

CONCLUSÃO

Depreende-se como consequência dos dados de realidade apresentados com relação ao interesse dos estudantes da FAP de participarem dessa ação, uma análise de uma amostra populacional onde há uma porcentagem pequena que se coloca na posição de aprender, compartilhar essas informações contra a violência e até mesmo reavaliar suas conclusões sobre a violência ao gênero feminino.

O Brasil criou a Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180 por meio do Decreto nº 7.393, de 15 de dezembro de 2010. Este canal é um serviço gratuito e confidencial que funciona 24 horas por dia, destinado a atender mulheres em situação de violência. Além de receber denúncias e prestar orientações, o Ligue 180 encaminha os relatos às autoridades competentes, monitorando o andamento dos processos. Este serviço se tornou uma ferramenta essencial para a proteção das mulheres, proporcionando uma forma de acesso à informação e apoio em momentos de crise. (Martins, 2025)

REFERÊNCIAS

MARTINS, Giulia Nascimento. **A violência contra a mulher nas redes sociais no contexto da desinformação: Uma perspectiva da ciência da informação.** 70 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Marília. Rio Claro – SP. 2025.

SILVA, Mariana Farias *et al.* Violência contra as mulheres nas redes sociais: desafios, conquistas e perspectivas no Brasil. **Rev. Contribuciones a Las Ciencias Sociales.** São José dos Pinhais, v.17, 2024.

LEITE, Mônica. A pornografia de vingança como forma de violência psicológica contra as mulheres. **Rev. Da ESMESC.** Florianópolis, v.31, n.37, p.47-71, 2024.

¹ Andressa Carolina de Oliveira Geraldo, Emanueli Ribeiro Dionizio, Felipe Antonio Fontalva de Lima, Letícia Viana Rosa e Thiago Bueno. Acadêmicos do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: psico.emanueli.dionizio@hotmail.com

² Bruna Carolina Zancopé. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: bruna.zancope@fap.com.br